

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE EM MONTENEGRO
GRADUAÇÃO EM TEATRO: LICENCIATURA**

TIAGO MARTINELLI NOGUEIRA

**ECLIPSE:
uma composição cênica de um ator gordo**

MONTENEGRO

2022

TIAGO MARTINELLI NOGUEIRA

ECLIPSE:

uma composição cênica de um ator gordo

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Teatro na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Ma. Jezebel Maria Guidalli De Carli

Co-orientadora: Prof^a Ma. Janaína Kremer

MONTENEGRO

2022

TIAGO MARTINELLI NOGUEIRA

ECLIPSE:

uma composição cênica de um ator gordo

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Teatro na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª Ma. Jezebel Maria Guidalli De Carli

Co-orientadora: Prof^ª Ma. Janaína Kremer

Aprovado em __/__/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Jezebel Maria Guidalli De Carli
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof.^o Dr. Carlos Roberto Mödinger
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof.^a Ma. Renata Teixeira Ferreira da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

N778e Nogueira, Tiago Martinelli

Eclipse: uma composição cênica de um ator gordo / Tiago Martinelli Nogueira. – Montenegro: Uergs, 2022.

36 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Teatro (Licenciatura), Unidade em Montenegro, 2022.

Orientadora: Prof.^a Ma. Jezebel Maria Guidalli De Carli

Coorientadora: Prof.^a Ma. Janaína Kremer

1. Autoficção. 2. Corpos gordos. 3. Performatividade. 4. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). I. De Carli, Jezebel Maria Guidalli. II. Curso de Teatro (Licenciatura), Unidade em Montenegro, 2022. III. Título.

Marcelo Bresolin CRB10/2136

AGRADECIMENTOS

É tão difícil lembrar de todas as pessoas que de alguma forma atravessaram a nossa existência, mas tentarei de uma forma geral agradecer à todes;

Primeiramente aos meus pais e familiares, que mesmo não compreendendo os meus estudos, sempre me incentivaram a continuar;

Aos amigos e amigas que de alguma forma participaram da minha vida e do meu ciclo universitário;

Às minhas colegas e meus colegas, por resistirmos juntas nessa paixão pela arte;

Às professoras e professores que mesmo nas dificuldades, onde o poder público não incentiva a arte, resistem numa Universidade pública, gratuita e de qualidade;

À Fundarte, por incentivar a arte desde a infância;

À minha banca, Carlos Mödinger e Renata Teixeira, por aceitarem participar deste processo e apresentarem ótimas contribuições para a pesquisa;

À minha orientadora, Jezebel De Carli, pelos ensinamentos na graduação, pelas cobranças assertivas e por me ensinar que mesmo nas diferenças, podemos construir fortes laços afetivos;

À minha co-orientadora, Janaína Kremer, que sempre me incentivou a enfrentar os desafios me ajudando de tantas formas em variados momentos;

À Tia Sheila que além de ser ouvidos e ombro amigo, faz a melhor conserva de pepinos que possa existir;

À Fernanda Higert, pelas trocas, conselhos, ajudas, brindes nos finais de tarde e pela maionese verde que é maravilhosa;

À Fernanda Moreno, uma grande colega, amiga e irmã que reencontrei aqui na Universidade. Sim, irmã, pois nosso encontro transborda essa existência;

À Vó Lucilla e a Dona Helmi, que pela idade avançada não podem estar presentes e acredito que nem se dão conta o quão importante foram na minha vida e na minha memória afetiva.

*Tenho fases, como a lua,
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.*

*Fases que vão e que vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.
E roda a melancolia
seu interminável fuso!*

*Não me encontro com ninguém
(tenho fases, como a lua...).
No dia de alguém ser meu
não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...*

Lua Adversa – Cecília Meireles

RESUMO

Esta escrita é resultado do processo de pesquisa do Trabalho de Conclusão do Curso Graduação em Teatro: Licenciatura, intitulado “Eclipse: uma composição cênica de um ator gordo”. A cena que também é resultado da pesquisa tem o título de “Eclipse” e foi apresentada juntamente com a defesa da pesquisa no dia vinte e cinco de novembro de dois mil e vinte e dois às dezenove horas no Teatro Therezinha Petry Cardona na cidade de Montenegro.

O trabalho tem como proposição a construção de uma dramaturgia a partir de relatos pessoais e histórias ficcionais que abordam as discriminações vivenciadas por corpos gordes. A escrita apresenta reflexões sobre os estigmatismos impostos por uma sociedade onde a magreza é tida como ideal estético corporal através da padronização construída ao longo dos anos pelo índice de massa corporal (IMC).

A pesquisa conversa com os conceitos de Autoficção, Performatividade e Biodrama, utilizando como principais autores Diana Klinger, Josette Féral, Peter Brook e Vivi Tellas.

Palavras-chave: Corpos gordos. Autoficção. Performatividade.

ABSTRACT

This writing is the result of the research process of the Completion Work of the Graduation in Theater Course: Degree, entitled "Eclipse: a scenic composition of a fat actor". The scene that is also a result of the research is entitled "Eclipse" and was presented together with the defense of the research on the twenty-fifth of November, two thousand and twenty-two at 19:00 at Teatro Therezinha Petry Cardona in the city of Montenegro .

The work proposes the construction of a dramaturgy from personal reports and fictional stories that address the discrimination experienced by fat bodies. The writing presents reflections on the stigmas imposed by a society where thinness is seen as an aesthetic body ideal through the standardization built over the years by the body mass index (BMI).

The research talks with the concepts of Self-fiction, Performativity and Biodrama, using as main authors Diana Klinger, Josette Fèral, Peter Brook and Vivi Tellas.

Keywords: Fat bodies. Self-fiction. Performativity.

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 – Julho de 1993 - Tiago e seu Tio João	11
Figura 2 – Novembro de 2022 - O tal vestido	12
Figura 3 – Julho de 1994 - Dona Helmi, Dindo Libo e Vó Lucilla	13
Figura 4 – Novembro de 2022 - A Monareta	23
Figura 5 – Agosto de 2020 - Vídeo-performance “Espelho, espelho meu”	25
Figura 6 – Novembro de 2022 - Escritas da Monografia	28

SUMÁRIO

1. SEM LUA	09
2. LUA MINGUANTE	11
2.1 O VESTIDO VERDE MUSGO	12
2.2 UM CORPO GORDO ADULTO	14
3. LUA NOVA	16
3.1 AS INQUIETAÇÕES NA VIDA ACADÊMICA	14
4. LUA CRESCENTE	19
4.1 BIODRAMA E AUTOFICÇÃO	19
4.2 AS COMPOSIÇÕES CÊNICAS	21
4.3 O ESPAÇO, A BICICLETA E A CATRACA	22
5. LUA CHEIA	27
6. APÊNDICE	29
7. REFERÊNCIAS	34

Muito se tem discutido, recentemente, acerca das padronizações estéticas impostas a corpos por uma sociedade que tem como ideal de beleza a cultura da magreza. Naomi Wolf¹, alega que a cultura da magreza é mais um mecanismo criado para controlar as mulheres (já que estas começaram a ganhar mais liberdade e conseguir seus direitos a partir do século XIX) para ditar para elas o que é certo, o que é belo e o que é aceito ou não, levando o público a fazer loucuras para atingir a perfeição imposta. Assim, a indústria de moda, de cosméticos, de alimentos dietéticos e das cirurgias plásticas cresce e lucra com o dinheiro que tais mulheres investem. (WOLF, 1990 *apud* TESTA, 2020).

Eu sou um homem gordo que sempre sofreu com os preconceitos que a sociedade impõe através dessas indústrias que visam o lucro, e também, através das publicidades, onde corpos gordes são expostos à situações depreciativas pela sua aparência. O trabalho tem como proposição a construção de uma dramaturgia a partir de relatos pessoais e histórias ficcionais que abordam as discriminações vivenciadas por corpos gordes e recebe o título de "Eclipse: uma composição cênica de um ator gordo". A pesquisa conversa com os conceitos de Autoficção, Performatividade e Biodrama, utilizando como principais autores Diana Klinger, Josette Féral, Peter Brook e Vivi Tellas.

A monografia se divide em três capítulos, criando relações com as fases da lua e seus ciclos, e encerra a escrita com a última fase, que apresenta as considerações finais da pesquisa. A escolha dos capítulos tem como referência as fases da lua, devido a minha tentativa de eclipsar o corpo de diversas formas ao longo da minha vida. Fazendo uso de roupas escuras, fotografias tiradas somente do rosto, entre outras.

O primeiro capítulo é intitulado de "Lua Minguante" e trata sobre as minhas lembranças de infância e adolescência onde apresento as relações afetivas com a Vó Lucilla e a Dona Helmi, que foram responsáveis pela minha primeira lembrança da descoberta do meu corpo. A "Lua Nova" é a segunda fase da monografia, onde compartilho as reflexões do começo da graduação em Teatro e as minhas dificuldades na adaptação aos exercícios práticos. O terceiro capítulo, traz como título "Lua Crescente", relata a pesquisa sobre corpos gordes, a criação dramatúrgica e os conceitos pesquisados e trabalhados nesse processo. A última fase da lua encerra a monografia com o título de "Lua Cheia", onde são

¹Naomi Wolf é uma jornalista e escritora feminista estadunidense.

apresentados os resultados da pesquisa com a criação dramatúrgica, encenação da peça e as minhas considerações sobre o processo de criação do Trabalho de Conclusão de Curso.

Optei por fazer uso de linguagem neutra² pela possibilidade de inclusão de uma multiplicidade de identidades que a mesma sugere; considerando assim, também, a produção e existência de pessoas que não se identificam com pronomes masculinos, como por exemplo, mulheres cis e pessoas trans.

² A neutralidade de gêneros em neolinguagem ou linguagem gênero-neutra, do ponto de vista sociolinguístico e gramatical, é uma vertente recente das demandas por maior igualdade entre homens, mulheres e pessoas não binárias iniciada nas redes sociais.

2. LUA MINGUANTE

No dia quatorze de julho de mil novecentos e oitenta e oito, às onze horas e quarenta e cinco minutos, nasce em Montenegro o filho de Rosa Maria e do Edson³. Tiago nasceu com três quilos e novecentos gramas no hospital público de Montenegro. De acordo com Rosa Maria, nasceu sem chorar, parecendo já não querer chamar a atenção para si e segundo informações de familiares, Tiago sempre foi uma criança quieta, comportada e gorda. Como os antepassados de uma família tipicamente italiana, ser gordo era sinal de saúde próspera e fartura. Lembro que minha avó materna, Lucilla⁴, me perguntava o tempo inteiro se eu não estava com fome e se não precisava de algo.

Figura 1 - Julho de 1993 - Tiago e o Tio João



Fonte: Arquivo pessoal.

A Dona Lucilla, que é de origem alemã, foi basicamente minha referência como mulher ao longo da infância. Após a escola passava o dia inteiro na casa da vó Lucilla até meus pais me buscarem. Lembro-me que chegava na casa rosa de portão branco e já conseguia sentir o cheiro de sua comida. Fazia um almoço simples, mas realmente com amor. Minha avó nasceu em mil novecentos e vinte e nove, na Alemanha, vindo ainda pequena para o Brasil. Teve seis filhos e sempre uma vida humilde, mas com fartura na mesa. Quando eu abria o portão branco, ela

³ Rosa Maria Martinelli Nogueira e Edson de Mello Nogueira, pais de Tiago Martinelli.

⁴ Lucilla Schmidt Brochier, avó de Tiago Martinelli.

ouvia o trinque batendo na madeira e já fazia um som que se tornou nossa comunicação: “Uh, uh!” Era o sinal de que a comida estava servida. Tive esse hábito por cerca de dez anos, durante a infância.

2.1 O VESTIDO VERDE MUSGO

Nas tardes que permanecia na casa da Vó Lucilla, as brincadeiras e passeios eram recorrentes. Lembro de frequentar a casa de uma senhora, Dona Helmi, que fazia um pudim de leite simplesmente incrível. Eu tinha em torno de seis anos de idade e era a única criança em meio a dez senhoras que se reuniam para jogar cartas. Numa tarde dessas, recordo que descobri o armário de vestidos da filha da Dona Helmi, que já não morava mais com ela. Lembro até hoje das cores dos vestidos e do cheiro de naftalina daquele armário. Apaixonei-me por um vestido verde musgo, o qual combinava com um sapato de salto, também verde musgo. Em momento nenhum tive medo de vestir a roupa e o sapato.

Figura 2 - Novembro de 2022 - O tal vestido



Fonte: Arquivo pessoal.

A Dona Helmi pediu que interrompessem o jogo e anunciou-me como modelo, criando um desfile de moda. Eu cruzei o corredor de madeira envernizada, que dava acesso à cozinha onde elas jogavam. Entrei com sapato de salto e fui aplaudido por todas elas que sorriam e me olhavam com aprovação. Foi uma das

únicas vezes que senti a liberdade de ser quem eu era, com o corpo que eu tinha, sem nem mesmo entender.

Figura 3 - Julho de 1994 - Dona Helmi, Dindo Libo e Vó Lucilla



Fonte: Arquivo pessoal.

Meu corpo era de uma criança gorda que sempre tinha um tamanho de roupa maior do que os da sua idade. Os peitos, a bunda e as coxas eram mais volumosas do que a maioria dos meus colegas e isso era motivo para as brincadeiras que acabavam me desumanizando. Eu era chamado de baleia, de botijão de gás, dentre outros “apelidos” que hoje são considerados *bullying*⁵.

O menino foi crescendo e chegou à adolescência. Essa fase foi repleta de perguntas sem respostas e confusões na aceitação do meu corpo e na aceitação da minha sexualidade. O ensino médio é realmente uma máquina de separação de grupos: populares, *nerds*⁶ e os que não se enquadram em nenhum desses. Evidentemente, eu acabei ficando no grupo dos desajustados. Eram normalmente adolescentes não aceitos pelos populares, pois não eram, e nem pelos *nerds*, pois também não tinham boas notas.

A adolescência foi a fase da primeira paixão, as primeiras cartas com juras de amor eterno e a primeira decepção amorosa. Nesse período, o sentimento é de que não iria resistir a tanta pressão imposta pela sociedade. No meu caso, um

⁵ O *bullying* corresponde à prática de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, cometidos por um ou mais agressores contra uma determinada vítima. (DIANA, D., s.d.)

⁶ Quem tem comportamento considerado pouco sociável e parece interessar-se geralmente apenas por assuntos técnicos ou científicos. (CARVALHO, U., s.d.)

corpo gordo e gay⁷ não passava despercebido dos olhares e comentários preconceituosos dos meus e minhas colegas. O psicanalista Fábio Estevani Copati cita que a falta de manutenção dos comportamentos tidos como impróprios na fase infantil e juvenil pode acarretar riscos à saúde física e mental.

Neste sentido, essa triste realidade é adversa aos padrões morais e éticos de uma sociedade. Chegando, em determinados casos, a ferir a ordem social quando nos referimos a leis. Ainda mais, quando essas ofensas passam a ter um caráter de exclusão de pessoas que não se enquadram nesse regime. A não manutenção desses comportamentos promove graves riscos à saúde física e mental, desfavorecendo, assim, o progresso social. (COPATI, 2019, p. 1)

2.2 UM CORPO GORDO ADULTO

A vida adulta chega e com ela parece que a maioria das nossas preocupações da adolescência se transformam em outras com importâncias bem maiores. A insegurança com o corpo continuou me acompanhando. A pressão estética que a sociedade impõe todos os dias é potencializada nessa etapa da vida.

As perguntas sobre namoros, sobre como eu poderia emagrecer e de como poderia arrumar um melhor emprego foram as mais ouvidas nessa fase, ao menos foram para mim. Com o passar do tempo, cansado de ser violentado de tantas formas como apelidos depreciativos, empurrões e deboches com as partes avantajadas do meu corpo, assim criei estratégias de sobrevivência, tais como a utilização de roupas escuras, as fotografias tiradas somente do rosto e a decisão de não me alimentar em público fizeram parte desses subterfúgios, entretanto eram totalmente inúteis e serviam apenas para proteção psicológica.

No ano de dois mil e dezessete fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e obtive uma boa nota. Nesse momento eu trabalhava em uma farmácia como auxiliar administrativo e recebi várias indicações para me inscrever no curso de Farmácia e dar continuidade ao trabalho que vinha desenvolvendo. Por outro lado, amigas e amigos me incentivaram a cursar Teatro, por me considerarem divertido e segundo elas e eles, eu demonstrava inclinação para as Artes Cênicas. Eu nunca havia me imaginado fazendo Teatro, minha única experiência com as Artes Cênicas,

⁷ Aquele ou Aquela que sente atração sexual e/ou mantém relação amorosa e/ou sexual com indivíduo do mesmo sexo. (Dicionário da Língua Portuguesa. 2018)

fora do âmbito escolar, foi aos dezessete anos de idade em uma oficina com um dos grupos mais importantes de Montenegro, o grupo Renascença Companhia de Teatro⁸. Fui escondido à oficina, e após voltar, quando contei ao meu pai, ele simplesmente me proibiu de voltar para a segunda aula. O preconceito já dava suas caras nesse momento.

Inscrevi-me então, no ano de dois mil e dezoito nos cursos de Farmácia e Teatro. Farmácia na Universidade Luterana do Brasil e Licenciatura em Teatro na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. A minha grande surpresa foi a aprovação nas duas instituições e teria que decidir qual iria cursar. Sem conseguir, matriculei-me em ambas as Universidades.

Em março do mesmo ano iniciei os estudos pensando em poder cursar os dois concomitantemente, um mero devaneio meu. No mês de maio abandonei o curso de Farmácia e me entreguei totalmente para às Artes Cênicas. O Teatro despertou um dos Tiagos que até o presente momento eu não conhecia. Suscitou uma vontade de estar em cena e de ter voz, de me colocar em um palco e de me permitir ser visto e validado ou não pelo outro. Como eu poderia querer tanto um estado que eu nunca havia experimentado?

Nesse momento, recordei-me dos aplausos e olhares de aceitação das senhoras na casa da Dona Helmi. Eu fui aceito em uma ocasião e por que não seria aceito em outros lugares? Expor o meu corpo em um local de possível julgamento, ou seja, o processo de formação do ator que eu almejava atingir, fez com que todas as minhas dificuldades fossem externadas ao público. Acredito que mais do que o aprendizado para formação, em meu processo, os estereótipos criados pela sociedade nos corpos gordes foram problematizados e postos em questão. Esse processo fez com que eu aceitasse o meu corpo antes da possibilidade da aceitação do público.

⁸ Renascença Companhia de Teatro, criado em 5 de março de 1988 em Montenegro, é formado por artistas, arte-educadores e estudantes, sendo um dos grupos gaúchos de maior existência em atividade ininterrupta.

3. LUA NOVA

O primeiro dia de aula prática na Universidade foi realmente a abertura de um ciclo de transformações. Um dos componentes curriculares do primeiro semestre do Curso Graduação em Teatro era denominado de Improvisação e Análise do Movimento em Teatro I, após reformulação curricular, passou a chamar-se Corporeidade I. O chão da sala de trabalho estava coberto por um emborrachado, as paredes pintadas na cor preta e o fato de ter mais vinte colegas os quais eu nunca havia encontrado antes, me pareceu assustador. Acredito que esse momento deflagrou um processo, o qual abordarei no decorrer da escrita, que denomino de pesquisa sobre o corpo. Percebi que as colegas e os colegas que me cercavam tinham em média dezoito anos de idade, enquanto eu, estava prestes a completar meu vigésimo oitavo aniversário, mas além disso, os corpos que me rodeavam eram magros e eu por ser gordo, me sentia alijado ou excluído do grupo.

A professora do componente curricular era a professora Ma. Jezebel De Carli⁹, hoje minha orientadora, a qual conhecia de nome ao assistir pela primeira vez um espetáculo teatral: “Parada 400 - convém tirar os sapatos”, Jezebel era a encenadora do referido espetáculo. Ela iniciou se apresentando e solicitando que todas e todos também o fizessem, foi exatamente, nesse momento, que bateram na porta e a pessoa que entrou seria a minha melhor parceira em toda a formação e para além dela: Fernanda da Silva Moreno¹⁰.

Quando eu a olhei, instantaneamente ela abriu um sorriso e veio em minha direção, pois havia um lugar ao meu lado e os desajustados se reconhecem. Fernanda é uma mulher de baixa estatura e por isso considera seu corpo como não padrão. A primeira parte da aula foi de apresentações e dúvidas, e assim que chegou o horário do intervalo, conseguimos, de fato, conversar. O reconhecimento dos corpos não-padrão permite conhecer a outra pessoa com empatia e respeito. Ela me contou um pouco da sua vida até aquele momento e eu também pude dividir meus anseios e medos. A Fernanda me entendia, me compreendia quase que totalmente. Eu não tinha o costume de dizer que amava minhas amigas e amigos e ela me ensinou como é importante proferir, “eu te amo”, àqueles e àquelas às quais

⁹ Jezebel Maria Guidalli De Carli é atriz, diretora e professora do curso de Teatro na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs).

¹⁰ Fernanda da Silva Moreno é atriz, dramaturga e professora de Literatura na rede pública de ensino do Estado do Rio Grande do Sul.

realmente amamos. Trocamos contato e começamos uma frenética relação de criações, risadas, construções e compartilhamento de sentimentos. Sempre faço questão de demonstrar como ela foi essencial para a minha permanência na Universidade.

3.1 AS INQUIETAÇÕES NA VIDA ACADÊMICA

Os meses foram passando e percebi que as disciplinas que eu tinha mais dificuldade eram as práticas, voltadas para o trabalho corporal do ator e da atriz. A partir desse entendimento, vieram à tona alguns questionamentos sobre como eu poderia me tornar um ator sem conseguir executar vários exercícios considerados fundamentais para o desenvolvimento corporal do artista da cena. Tais perguntas, as quais eu não tinha nenhuma resposta, estavam ecoando nos meus trabalhos acadêmicos e mais do que isso, estavam transformando a percepção do meu corpo no mundo.

Diversos momentos pensei em desistir e simplesmente aceitar que o meu corpo não se enquadrava nos processos de formação do ator. A pressão psicológica sentida nos momentos da execução dos exercícios básicos nos componentes curriculares direcionados ao trabalho corporal acabavam me deixando desmotivado, todavia comecei a perceber que as mesmas cobranças que me frustravam, me despertavam força e energia para tentar ultrapassar ou chegar perto dos limites, os quais considerava impensáveis.

Os limites são visíveis e invisíveis. Os visíveis são obviamente mais fáceis de se observar e destacar de um todo. São barreiras impostas por uma sociedade que atualmente é composta por padrões corporais estéticos que buscam a magreza como ideal estético. Referindo-me a um contexto amplo de observação, os limites visíveis acabam sendo a roleta do ônibus, em que corpos gordos tem dificuldades de passar ou nem conseguem passar, são os exercícios corporais, impossíveis de serem executados, são os bancos diminutos em ônibus e aviões, são as balanças médicas que tem um limite de peso, as cadeiras de plástico que não suportam o peso, entre tantos outros.

Nessa fase, comecei a esboçar cenas teatrais em que a relação do meu corpo gordo com a sociedade era evidenciada e posta em discussão. A primeira criação escrita tem o título de “Não me defina, ainda”, criada em meados do ano de

dois mil e dezoito. A cena em questão, como o nome já diz, é composta da frase que sempre penso antes de conhecer alguém ou me apresentar em algum lugar. Acredito que essa frase ecoou pelo fato de muitas vezes ser julgado antes mesmo de dizer oi.

A relação que a sociedade estabelece com corpos gordes em filmes, novelas, propagandas e comerciais na televisão: habitualmente mostram que os mesmos não possuem mobilidade, que são frágeis, doentes e que não despertam libido.

Considero tal cena o disparador dos pensamentos que se seguiram e que compõem a encenação do solo "Eclipse", resultado prático da pesquisa de TCC. Quando surge a ideia/texto de "Não me defina" ainda no início do curso, eu trabalhava, como administrativo em uma rede de farmácias, e tal função mais a vida acadêmica tomavam muito do meu tempo, sendo assim a ideia/texto foi arquivada em meu computador em pasta chamada: pesquisa da gordofobia. Ainda no mesmo ano, me inscrevi para um projeto de extensão da Uergs onde o foco era a escrita acadêmica, o professor Dr. Leonardo Kussler foi quem ministrou a oficina que ao final esperava a escrita de um artigo ou ensaio. No referido projeto pude desenvolver e pesquisar, mesmo que superficialmente, a relação dos corpos no Teatro. O resultado final foi a produção de uma ensaio intitulado "Corpos cênicos gordos em uma sociedade excludente", o qual foi publicado na Revista da FUNDARTE¹¹, número trinta e oito de dois mil e dezenove. O ensaio continha relatos pessoais com referências de Michel Foucault¹² e Henri Bergson¹³.

Atualmente relendo o ensaio, percebo que a escrita foi um tanto rasa, até mesmo pelo pouco tempo que durava o projeto, mas compreendi que foi o início da minha pesquisa sobre esses corpos dissidentes inseridos na Arte.

¹¹ Fundação de Artes de Montenegro. Atua como Escola de Artes, proporciona ensino e pesquisa nas quatro áreas da expressão artística.

¹² Michel Foucault foi filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor.

¹³ Henri Bergson foi um filósofo e diplomata francês, laureado com o Nobel de Literatura de 1927.

4. LUA CRESCENTE

4.1 BIODRAMA E AUTOFICÇÃO

Como pensar em um espetáculo, onde as narrativas de corpos gordes fossem disparadores para a criação dramaturgica? Essa pergunta foi a grande norteadora da minha pesquisa desde o primeiro semestre de dois mil e vinte dois. Pensar na concepção de uma cena que não tivesse somente os meus relatos, mas sim, diversas histórias de corpos não-padrão e compusesse uma dramaturgia ficcional/real. Nos primeiros encontros com minha orientadora, a prof^a Ma. Jezebel De Carli, a mesma me indicou algumas referências que tratavam do conceito de autoficção que segundo Jezebel, poderiam contribuir para o desenvolvimento da pesquisa. De todas as referências indicadas, encontrei no pensamento da pesquisadora e encenadora argentina Vivi Tellas o conceito de Biodrama. Segundo a autora, Biodrama seria a priorização da biografia de pessoas vivas como forma de abordar no Teatro a ficcionalização mínima da vida.

O Biodrama tem como material de inspiração a biografia de uma pessoa viva. Trabalha-se a ideia de que cada pessoa é e tem em si própria um arquivo, uma reserva de experiências, saberes, textos e principalmente imagens.(GIORDANO, 2013, p. 1)

Tellas acredita que toda história biográfica quando utilizada como dispositivo para encenação, cria automaticamente signos teatrais. O deslocar do olhar para as histórias que acontecem nas ruas, no cotidiano das pessoas e pensar o que pode conter de teatral. O ser humano é possuidor de histórias e experiências, que nesse caso serão contribuições para a criação dramaturgica. Essas situações são dispositivos criados a partir de movimentos repetitivos baseados nas observações das situações do cotidiano.

O conceito de autoficção surgiu inicialmente na Literatura. O primeiro a citar a autoficção foi Serge Doubrovsky¹⁴, no romance Fils, em 1977, para conceitualizar o conjunto de obras literárias que apresentam passagens da vida ou, até mesmo, características físicas e psicológicas do autor em um contexto claramente ficcional. (MARTINS, 2014). Nos processos que participei, pude observar que as atrizes e

¹⁴ Julien Serge Doubrovsky foi um escritor francês e vencedor do Prix Médicis de 1989 por Le Livre brisé. Ele também é um teórico crítico e cunhou o termo "autoficção" nos rascunhos de seu romance Fils.

atores, quando solicitados para a criação de cenas, acabam trazendo suas memórias e experiências para o palco ou local de encenação, porém acabam mudando a história ou suas características para criar uma dramaturgia para a mesma.

Iniciei os estudos para a pesquisa, recordando textos que escrevi desde o início da faculdade, onde o corpo gordo e as dificuldades sociais desse corpo já atravessavam a minha vivência. Após encontrar esses textos e lembrar o que cada escrita trazia de sentimentos, a pedido da minha orientadora, comecei uma pesquisa de notícias que falassem de corpes gordes e que tiveram ampla divulgação na mídia. Encontrei diversos relatos sobre pessoas que sofreram gordofobia e pressão estética e a quantidade de notícias sobre o impedimento que a sociedade cria para pessoas que não têm o padrão corporal imposto por essa sociedade é significativo. Com esses pensamentos, recordei de um trabalho feito em dois mil e dezenove na disciplina de Tridimensional III do curso de Artes Visuais, ministrada pela professora Dra. Mariana Silva da Silva, na qual dispus em uma mesa pedaços de carne e gordura embalados e uma pergunta: no que a minha gordura te afeta?

Essa pergunta utilizada no processo da construção poética da instalação, realizada na disciplina, estava presente em todos os meus pensamentos dentro da Universidade e claro, fora dela também. Pensava em como poder ser um ator gordo, se grande parte das referências apresentadas nos estudos sobre o Teatro vinham de corpos padrões e com trabalhos corporais focados em limites pré estabelecidos, não levando em conta os limites individuais de cada estrutura corpórea.

Meu corpo não possuía o treinamento e nem a elasticidade para realizar alguns exercícios práticos dos quais foram criados e pensados para atrizes e atores magros. O uso de roupas escuras nas aulas práticas era uma das orientações que mais me deixava confortável na sala de aula. Sempre fiz uso de roupas escuras para tentar disfarçar o indisfarçável: a gordura. Procurava vestir-me com o máximo de roupas nas cores pretas e cinzas e utilizava o de camisas sobrepostas para tentar eclipsar aquele corpo não-padrão. Segundo o filósofo e escritor Michel Foucault.¹⁵

¹⁵ Filósofo francês contemporâneo que se dedicou à reflexão entre poder e conhecimento. (Revista Toda Matéria. Disponível em : <<https://www.todamateria.com.br/michel-foucault>>

[...]Meu corpo é o lugar ao qual estou condenado. Penso, afinal de contas, que é contra ele e como que para eclipsá-lo criamos todas essas utopias. O prestígio da utopia, a beleza, o encanto da utopia, a que eles se devem? A utopia é um lugar fora de todos os lugares, mas é um lugar onde eu terei um corpo desencarnado, um corpo que será belo, puro, transparente, luminoso, célere, colossal em seu poder, infinito em sua duração, ágil, invisível, protegido, transfigurado;[...] (FOUCAULT, 1966, p. 36)

Foucault fala do corpo incorpóreo, que segundo ele é utópico, cujo corpo ao qual pertencemos é uma condenação, para o qual criamos utopias, que adotamos para esconder um corpo não padrão ou um corpo desviante. Maquiagem, roupas nas cores pretas, cintas, óculos e tudo mais, foram adereços e utensílios utilizados para maquiar um corpo que não é aceito pela sociedade. Muito eclipsei meu corpo, hoje, ainda procuro eclipsá-lo, talvez seja um hábito adquirido ao longo dos anos.

4.2 AS COMPOSIÇÕES CÊNICAS

Concomitante ao pensamento e à reflexão provocadas a partir das contribuições de Tellas e Foucault, iniciei a criação da dramaturgia com relatos de experiências e também com narrativas extraídas de notícias sobre gordofobia ou pressão estética sofridas por pessoas e veiculadas nos meios de comunicação. Os relatos pessoais são situações vivenciadas antes e depois da entrada na graduação.

A primeira cena apresenta um incômodo que sempre senti ao ser pré julgado pelas pessoas por conta da minha imagem corporal. Eu nunca podia me apresentar antes das pessoas me julgarem devido a minha aparência física. A sociedade, em geral, atribui sobre o corpo gordo características completamente preconceituosas, tais como: a falta de higiene, o desleixo com a aparência e a falta de libido.

No início do espetáculo apresento-me ao público através da minha voz (palco em *blackout*¹⁶). Minha intenção foi provocar o espectador para além da imagem, suscitando ao público de que posso ser percebido de diversas formas, e não somente como um corpo gordo que porta sempre a mesma imagem estereotipada pela sociedade. Nesta apresentação são disponibilizadas as informações básicas de uma estrutura física que compõem um ser humano. Em um ensaio com a minha

¹⁶ Escuridão provocada pela interrupção de luz elétrica em uma determinada área. (Dicionário da Língua Portuguesa, 2018).

orientadora Jezebel e minha co-orientadora Ma. Janaína Kremer¹⁷, definimos que a primeira cena, a qual denominamos apresentação, seria em *blackout*, feita em autodescrição¹⁸. Descrevo minha estatura, tonalidades dos cabelos, barba, olhos e apresento ao público as peças de roupas que estou vestindo.

Após essa introdução, a cena que vem posteriormente é um misto de vários relatos pessoais com imagens estéticas que sempre caminharam comigo. Depois da definição do meu corpo, via auto-descrição, surge, muito lentamente, no centro do palco, um fecho de luz, o qual simboliza um espaço, muito conhecido nos bares gays, chamado de *Dark-room*.¹⁹ Na adolescência frequentava festas nas quais procurava eclipsar meu corpo, escondê-lo e torná-lo invisível. O círculo de luz, metaforiza os momentos em que sentia meu corpo sendo aceito e desejado por homens, às escondidas, em *Dark-rooms* e longe dos olhares de outros. Nestes lugares, meu corpo era aceito e despertava libido. Era um espaço seguro, definido como um lugar sigiloso, conhecido por uma comunidade específica, cujos acontecimentos não eram compartilhados para além deste universo. Ali, meu corpo era desejado, entretanto não era exatamente como eu esperava e gostaria. Eu aceitava todo tipo de afeto e interesse, assim como uma obrigação, pois entendia não ter possibilidade de escolha e por me sentir inferior aos outros, por conta de um corpo que não atendia aos padrões de beleza e sensualidade.

4.3 O ESPAÇO, A BICICLETA E A CATRACA

Desde o início da graduação em Teatro, imaginei a cena do meu Trabalho de Conclusão em um palco vazio e com poucos elementos e objetos cênicos, apenas meu corpo gordo em evidência. O diretor e encenador Peter Brook²⁰ apresenta um pensamento que se articula aos meus desejos de pesquisa, ou seja, o ator e o espaço vazio. Segundo ele, qualquer espaço vazio pode ser tomado como um palco. "Um homem cruzando esse espaço enquanto outro o observa seria o suficiente para

¹⁷ Janaína Kremer é atriz e professora da Fundação de Artes de Montenegro (FUNDARTE).

¹⁸ A autodescrição fornece informações sobre o indivíduo que as pessoas sem deficiência visual absorvem visualmente. (Vocal Eyes. Disponível em: <<https://vocaleyes.co.uk/pt/autodescricao-para-reunioes-inclusivas/>>

¹⁹ Dark room é uma parte da balada ou festa destinada a, digamos, uma pegação mais intensa. Geralmente, as luzes ficam apagadas e não é permitido filmar ou usar a lanternas, por exemplo. (Revista LadoA - disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2007/04/colunistas/blog-do-johan/intimidade-nada-intima-um-dark-room/>>

²⁰ Peter Stephen Paul Brook foi um diretor de teatro e cinema britânico

instaurar uma situação teatral" (BROOK, 1996, p. 7). Em minha percepção, o palco vazio pode aguçar a imaginação do público, enquanto as ações e as palavras do ator contém a potência de conduzir o espectador por diferentes lugares e tempos.

Nos primeiros materiais criados no início do trabalho prático havia uma cena na qual eu propunha uma sequência de exercícios físicos semelhantes às academias de ginástica. Ao apresentar as minhas orientadoras, percebemos que o efeito cômico e paródico não estava resultando. A partir de diferentes estímulos, seguimos trabalhando na cena e ao final do encontro, Janaina, sugeriu a utilização de uma bicicleta antiga denominada Monareta, à qual pertencia a ela. Posteriormente o elemento foi incorporado não somente à cena descrita, mas transformou-se num objeto importante com diferentes significados.

Figura 4 - Novembro de 2020 - A Monareta



Fonte: Arquivo pessoal.

Ainda no primeiro encontro com as orientadoras, apresentei uma composição de escritas antigas organizadas em uma dramaturgia inicial. Após assistirem por duas vezes, sentamos para discutir o que poderia ser utilizado e o que serviria como material para novas criações. A dramaturgia inicial continha apenas histórias e relatos pessoais, ainda sem aprofundar na pesquisa de autoficção. Nesse encontro fiquei com algumas tarefas para as próximas semanas: conhecer o conceito de autoficção e pesquisar relatos e notícias nos meios de comunicação de pessoas que passaram por momentos em que o seu corpo foi motivo de preconceito ou impedimento.

Essa pesquisa sobre corpes gordes que sofrem preconceitos não é uma tarefa fácil de realizar. Apesar de eu ter conhecimento e acompanhar perfis nas redes sociais que abordam e denunciam casos sobre gordofobia e pressão estética, os relatos apresentados são escritos ou contados de forma genérica, não detalhando o acontecimento em si.

Nesse processo, encontrei a história²¹ da Rosângela, uma mulher gorda que relatou o seu caso abertamente para vários meios de comunicação. No ano de dois mil e dezenove, Rosângela ficou presa por mais de uma hora na catraca²² de um ônibus em movimento no Espírito Santo. A história dela repercutiu na mídia, pois a mesma concedeu uma entrevista totalmente abalada com o fato ocorrido. Rosângela relata que já tinha certeza que não iria passar pela catraca do ônibus, dado que conhecia seu corpo bem como as dimensões de uma catraca, mesmo assim foi obrigada pelo motorista a passar, ou tentar, e nesse momento ficou presa, não conseguindo se soltar dos ferros. Ela ainda aponta os impedimentos concretos impostos pela sociedade à corpes gordes e denuncia a total ausência de acessibilidade nos transportes públicos, instituições, teatros, aviões, hospitais, citando apenas alguns espaços. Segundo Rosângela, sua vergonha ao sair de sua casa não se vinculava à aparência ou peso, mas sim ao preconceito e aos limites e obstáculos enfrentados. A partir da orientação a história de Rosângela foi inserida na dramaturgia como sendo um fato ocorrido comigo, promovendo uma das especificidades do Teatro autobiográfico que é a dubiedade, ou seja, o que é contado narrado na cena é um fato vivenciado pelo autor ou não.

Segundo a professora Diana Klinger, a qual trabalha em pesquisas de teoria e crítica da cultura contemporânea, observa a utilização da autoficção como material para o processo de criação no Teatro.

Na autoficção, a imbricação entre vida e ficção implica na construção de um efeito de linguagem que se aproxima da performance: “O autor é considerado como sujeito de uma performance, um sujeito que representa um papel nas suas múltiplas falas de si” (KLINGER, Diana, 2019, p. 1 apud COSTA, Marília, 2020, p.1)

²¹ Reportagem disponível em

<<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/01/11/tenho-vergonha-de-sair-de-casa-diz-mulher-que-ficou-presa-em-roleta-de-onibus-em-guarapari.ghtml>>

²² As catracas de ônibus, também chamadas de roletas, são reguladoras de acesso e contagem de passageiros popularizadas no Brasil todo há décadas. Em várias cidades brasileiras a catraca está localizada na parte dianteira dos ônibus, e separa os passageiros que têm direito a algumas gratuidades (idosos, deficientes, etc) dos demais passageiros. (Site Mobilize Brasil - disponível em <<https://www.mobilize.org.br/noticias/11643/catraca-nos-onibus-e-barreira-a-cidadania.html>>

Considerando as afirmações acima, identifico em minhas escritas e composições desde o início da graduação um flerte com a performatividade. Na cena "Eclipse" alguns aspectos são evidentes e estão propositalmente inseridos na encenação, a presença real do ator (performer) que se apresenta como sujeito e não como um personagem; a narratividade coloca em primeiro plano a execução das ações do performer e por vezes encarnam personagens, mas saem dele totalmente na sequência; o espectador entra e sai da narrativa; a dramaturgia não remete a unidade de tempo e espaço; ação fragmentada e não linear; procedimento de montagem, entre outros.

Figura 5 - Agosto de 2020 - Vídeo-performance "Espelho, espelho meu"



Fonte: Arquivo pessoal.

A pesquisadora e professora Josette Féral²³ cita que a performatividade força o espectador a se adaptar a todo momento para uma nova cena.

Essa desconstrução passa por um jogo com os signos que se tornam instáveis, fluidos forçando o olhar do espectador a se adaptar incessantemente, a migrar de uma referência à outra, de um sistema de representação a outro, inscrevendo sempre a cena no lúdico e tentando por aí escapar da representação mimética. O performer instala a ambigüidade de significações, o deslocamento dos códigos, os deslizamentos de sentido. Trata-se, portanto, de desconstruir a realidade, os signos, os sentidos e a linguagem.(FÉRAL, 2008, p.203)

A dramaturgia possui diversas composições cênicas que mostram o processo e a interlocução entre autoficção e performatividade. A ligação que se forma entre esses dois conceitos e a possibilidade de abrir um diálogo sobre a padronização estética corporal na atual sociedade, refletindo sobre as histórias de corpos gordes

²³ Josette Féral é escritora, professora e pesquisadora teatral.

impedidos, de alguma forma, a utilizar espaços públicos e suas aflições emocionais, foi uma das propostas de investigação da presente pesquisa.

5. LUA CHEIA

Realizar um Trabalho de Conclusão de Curso em Teatro, focando na atuação teatral foi imensamente desafiador. Nesse processo eu percebi a liberdade que minhas orientadoras me proporcionaram para a criação do projeto como um todo. Não imaginava que teria que lidar com tantas possibilidades de criação e momentos de decisão. Muito do processo não foi escolhido para estar presente na cena final, mas acredito que contribuíram para outras composições e desenvolvimento da dramaturgia.

Trabalhar a teoria e a prática com os conceitos de autoficção e performatividade como dispositivos para criação das cenas, inserindo nessa dramaturgia os relatos de histórias que ao final seriam encenadas por mim, abriram novas possibilidades de criação que eu nem mesmo imaginava.

Percebi ao longo da pesquisa a minha fragilidade no que diz respeito à escrita acadêmica. Tive dificuldades e lidava diariamente com o meu vocabulário sucinto. Por muitos dias procrastinei a escrita e pensava somente na dramaturgia e na encenação, que sem dúvida, era o que me proporcionava maior prazer. O afastamento das redes sociais, que não foi proposital, me fizeram aprofundar e terminar essa monografia. Fiquei sem celular e computador, por isso, grande parte do meu processo foi escrito à mão e depois digitado no computador. Tal acontecimento contribuiu na produção textual, dado que me sentia mais confortável e produzindo, por meio da caneta e do papel, uma escrita livre e fluente, que posteriormente em conjunto com minha orientadora, receberia um tratamento adequado e coeso.

Figura 6 - Novembro de 2022 - Escritas da Monografia

LUANOVY

Nessa fase começo a criar esboços
cenas ^{teatrais} em que a relação do meu
Corpo Gordo com a sociedade é
evidenciada e posta em discussão.
A primeira criação ^{tem título de:} "NÃO ME
DEIXA ANDA", ^{criada} em MEADOS DE 2018.
A cena, ~~chama~~ como o nome já diz,
é ~~uma~~ composta de uma frase que
sempre penso ~~em~~ ~~ver~~ ~~substituir~~.
Quando vou contatar alguém, ou quando
vou me apresentar em algum lugar:
NÃO ME DEIXA ANDA.
Acredito que essa ~~palavra~~ frase ecoe
por ~~o~~ ~~sempre~~ muitas vezes ser jogada
antes mesmo de falar um olá.
A relação que a sociedade tem com o
Corpo Gordo é ~~de~~ ~~que~~ ~~pouco~~
analisar nos filmes, comerciais e
novelas. ~~Um~~ Corpo que não tem mobilidade
que é frágil, doente e ~~o~~ que não
~~deixa~~ despertar libido.

Fonte: Arquivo pessoal.

De fato, o desenvolvimento deste estudo trouxe para minha realidade um grande misto de sentimentos. Eu passei por um momento psicologicamente instável, no qual pensei muitas vezes em desistir. Retornei às minhas sessões de terapia e deixo registrado o apoio total das amigas, dos amigos e das minhas orientadoras, sem estas pessoas a finalização deste ciclo seria inviável.

6. APÊNDICE A - DRAMATURGIA

ECLIPSE

1ª CENA: LIMITES

(CORTINAS FECHADAS)

(PALCO TODO ABERTO)

(APÓS O PÚBLICO SENTAR, BLACK OUT TOTAL)

(ABRE CORTINA).

Olá! Boa noite!

Eu sou um homem branco. 34 anos. Um metro e setenta e cinco de altura. Cabelos ralos, bigode e cavanhaque loiro e olhos normalmente castanhos, em alguns dias verdes. Estou vestindo camiseta manga curta e macacão na cor preta. Eu estou descalço.

(PARTITURA DE TOQUES MASCULINOS - MÚSICA - TWILIGHT - ANTONY AND THE JOHNSONS)

O toque nem sempre era suave. O roçar das mãos ásperas no meu corpo, os apertões brutos, os tapas.

Eu quase sempre queria, quase. Mas eu nem sempre podia escolher naquele quarto escuro.

Eu buscava, mesmo sabendo que a escuridão havia me engolido

Vem! Eu implorava totalmente sozinho.

(VAI ABRINDO LUZ - sai do meio do palco e caminha até boca de cena)

Deixe eu me apresentar

Eu sou um ser humano. Um corpo. Estrutura física de um organismo vivo.

Composto por ossos, células, tecidos, sistemas, rins, fígado, pulmões e ar.

Dividido entre cabeça, tronco e membros. O normal.

Um corpo "limitado"

Limite: linha que determina uma extensão espacial ou que separa duas extensões

(APONTAR LINHA INVISÍVEL NO CHÃO)

Confrontar um limite significa explorar um lado de fora de uma experiência possível; até por isso, a experiência-limite pode ser compreendida como uma "experiência do fora". Isso é Foucault, O corpo utópico, 1966, página 520

O limite que me refiro aqui, é o limite do visível e do invisível. Que é uma linha que separa eu, de vocês!

Qual é o seu limite?

(ESTRELAR - MARCOS VALLE - CENA BICICLETA - LARANJA NO BOLSO)

2ª CENA: CATRACA

Eu pedi para entrar no ônibus pela porta do meio, mas o motorista disse que eu tinha que cumprir as regras iguais a todo mundo e entrar pela porta da frente. O problema não era entrar pela porta da frente. O problema era que entre a porta de entrada e a porta de saída tinha um dos limites visíveis: a roleta. Fazia tempo que eu não enfrentava uma. Esse motorista era novo e eu nunca tinha visto ele. Eu paguei minha passagem e sentei em um dos bancos. Fiquei encarando ela, observando. Eu deixei pra enfrentar a roleta na última hora: uma parada antes da que eu tinha que descer. Já é óbvio que eu não consegui passar por ela. Ela me agarrou de uma forma que eu não conseguia me soltar. Os passageiros ficaram rindo e gravando com seus celulares, mas ninguém me perguntou se eu estava bem, se eu precisava de alguma coisa. A minha parada passou. O ônibus seguiu o caminho normalmente como se nada tivesse acontecendo dentro dele. Eu fiquei cerca de uma hora preso, até que os bombeiros chegaram para tirar a roleta e me liberar dali.

Eu fui levado de ambulância para o hospital por causa de alguns machucados. Não conseguir fazer um simples exame de Raio-x depois de tudo isso é simplesmente desmotivador.

1º HOSPITAL

Pedimos imensas desculpas, mas nossos equipamentos não estão preparados para receber pessoas no seu porte físico;

2º HOSPITAL

Nosso hospital está buscando recursos para poder atender todo tipo de pessoas. Infelizmente não poderemos fazer seu exame;

CLÍNICA VETERINÁRIA

Sim, aqui podemos atender animais até 200kg.

Quanto pesa o teu pet?

3ª CENA: ANIMAIS

Eu me transformei ou me transformaram em um animal?

No ano passado uma colega repostou um vídeo nas redes sociais de uma hipopótama. Na descrição do vídeo ela colocou: Me acostumando com as mudanças do meu corpo após a pandemia. Essa frase comparou e estereotipou corpos gordes com de um animal de grande porte que no vídeo estava no seu habitat natural, jogando água e no meio da lama. Ela tentou se justificar. Disse a ela que ela poderia ter citado o Chico, cachorro que salvou sua dona de 5 anos de idade de um

incêndio... mas não faria sentido.. pq na realidade ela queria dizer o quanto ficaria gorda depois de ficar trancada em casa na pandemia.

Qual animal você seria?

Sabe aquelas questões em testes psicológicos, que perguntam qual animal que você se identifica, que animal você seria se não fosse um ser humano?

Que animal eu seria?

Tem que ser animal com força, inteligência e agilidade.

Quem sabe um leopardo? que caminha esplendorosamente atrás de sua presa?

(IMITAR O ANIMAL)

Uma garça? que sobrevoa os ares vendo tudo lá de cima?

Um pavão? que abre seu leque de penas para impor sua presença?

Que animal você vê em mim?

4ª CENA: APLICATIVO

Vocês me veem né?

ou não?

O Gustavo também achava que era invisível, ele frequentava a casa do mesmo amigo todos finais de semana. A bebida do momento era chamada de Samba: era cachaça com refrigerante. O Gustavo não era acostumado a beber. Na primeira bebedeira, os olhos já não conseguiam enxergar direito, mas o que ele via era seus amigos beijando outras pessoas, menos ele. Bebia para não se sentir sozinho, mas no fim se sentia ainda mais solitário. Em um destes dias, depois de perceber que era o único sem alguém pra beijar, saiu sem que ninguém percebesse, abriu a porta da rua e viu a faixa que cruzava na frente da casa desse amigo. Gustavo saiu caminhando e decidiu deitar no meio da estrada e ficou olhando a lua.

Ele só percebeu que era visto quando sentiu um tremor no asfalto, uma luz muito forte e um barulho de buzina ensurdecadora.

(COLOCA A BICICLETA APOIADA PELO GUIDÃO E UMA RODA NO CHÃO ENQUANTO FALA - HOLOFOTE DE LUZ NA RODA SUSPENSA GIRANDO QUANDO TOCA O SOM DA BUZINA)

(Deitado no chão do palco levanta a cabeça)

Eu não morri, meus amigos me salvaram do caminhão que passou bem perto.

(Vira para frente do palco ainda deitado a luz começa a baixar)

Eu baixei os aplicativos de pegação: grindr, tinder, hornet... num desses aplicativos recebi uma mensagem bem inusitada, eu diria atrevida. Sem nem se apresentar, o cara mandou assim, na lata.

Cara, eu nunca transei com um cara gordo, mas tenho muita curiosidade. Tipo, não me vejo namorando um cara gordo, até porque malho demais para isso. Mas pra transar acho que seria de boa. Tipo um fetiche. Bora?

Eu fiquei em choque.

Não consegui nem dizer que sim e nem responder como deveria.

Meu corpo só como fetiche?

De acordo com o Google fetiche (música PANTERA COR DE ROSA e luzes vermelhas) é objeto inanimado ou parte do corpo considerada como possuidora de qualidades mágicas ou eróticas.

Vou me apresentar:

Sou um ser humano, um corpo.

Estrutura física de um organismo vivo.

Conjunto formado por uma boca macia

Mamilos grandes e saborosos

e uma bunda vantajosamente gostosa.

Prazer!

É claro que eu acredito que existam outros caminhos indiretos. Se não, seria para se desesperar de tudo.

Mas é para se desesperar de tudo também!

Eu não consegui fazer nada. Vou dizer isso. Que eu não consegui fazer nada. Sem saber o que. Sem me arrepender.

Eu pareço estar falando, mas não sou eu, parece ser de mim, e também é.

Como eu devo proceder?

5ª CENA: CASA DA DONA HELMI

(Luz idêntica a primeira cena, elipso de cima, mostra somente o vestido)

Quando eu tinha 6 anos, ia com minha vó Lucilla na casa da dona Helmi, ela e mais uma dúzia de senhoras se reuniam para jogar cartas, canastra, pife e até mesmo bingo. (VESTIDO DESCE DO TETO EM FIO DE NYLON) Eu ficava tentando me divertir e naquele dia achei um armário de vestidos, eu abri e eram lindos, mas um me chamou bastante atenção. um verde musgo. eu até hoje não sei porque eu vesti ele, se meu pai imaginasse que eu tinha colocado ele.. nossa.. no momento que eu vesti ouvi um barulho na porta. eu me virei.

Era Dona Helmi que me olhava com um sorriso largo e me disse: espera aí!

Ela foi até a cozinha, pediu que as mulheres fizessem silêncio, me anunciou como num show, e ligou o rádio.

Eu cruzei pelo corredor de madeira envernizada, eu estava todo vermelho, igual a um pimentão, pensando pq eu estava fazendo aquilo.

mas quando cheguei na cozinha, as senhoras me olhavam sorrindo e aplaudindo.

Foi a primeira vez que senti a liberdade de ser quem eu era, com o corpo que eu tinha.

(TOCA MÙSICA - El Pasador – Amada Mia, Amore Mio)

A vó Lucilla e a Dona Helmi já não lembram mais de mim, mas esse momento eu vou guardar na memória até onde eu conseguir.

6ª CENA - DIETAS

Nesses 34 anos eu entrei três vezes na fila da cirurgia bariátrica.

Fiz a Dieta low carb, Dieta dos pontos, Dieta Dukan, Dieta da proteína, Dieta da USP, Dieta paleolítica, Dieta cetogênica, Dieta Detox , Dieta do ovo cozido, Dieta mediterrânea, Dieta do Sol, Dieta da Lua, Dieta da água, Dieta de tudo pra me encaixar num padrão. Não deu certo! Foda-se!

(ATOR TIRA A CAMISETA E APAGA AS MARCAS DE CIRURGIA DO CORPO - TOCA MY WAY - NINA SIMONE)

Mas entendo que isso não basta. Não basta mudar o tamanho das catracas dos ônibus, não basta para que eu seja aceito em um emprego nem mesmo basta para mudar o tamanho das cadeiras de onde alguns de vocês estão confortavelmente sentados.

Eu me pergunto

Eu prometi que não faria mais perguntas, eu sei!

Talvez eu tenha apenas confirmado um velho estado de coisas.

Deixe-me apresentar.

(OLHA E PASSA COM DIFICULDADE PELA LINHA INVISÍVEL NO PALCO)

Sou um ser humano

Um homem gay, ator, professor, gosto de dançar, cantar, sou engraçado, dramático, canceriano com ascendente em Libra e lua em leão, ansioso, organizado, sou um corpo, UM CORPO GORDO EXAGERADAMENTE SUCULENTO.

A gente continua daqui.

Muito prazer

FIM

REFERÊNCIAS

- Abralic**, postado em 01 de out. 2016. Disponível em <https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491572180.pdf>
- Brasil Escola**, postado em 20 de mai. 2018, Disponível em <<https://brasile scola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm#:~:text=Bullying%20%C3%A9%20uma%20palavra%20de,um%20grupo%2C%20geralmente%20na%20escola.&text=A%20pr%C3%A1tica%20do%20bullying%20consiste,se%20repetem%20por%20algum%20per%C3%ADodo.>>> Acesso em 10 de out. 2022.
- Brasil Escola**. Disponível em <<https://brasile scola.uol.com.br/filosofia/michel-foucault.htm>> Acesso em 10 de out. 2022.
- BROOK, Peter. **O Espaço vazio**. Tradução Rui Lopes. São Paulo: 3ª edição, 2016.
- Comunidade Cultura e Arte**, postado em 13 de set. 2017. Disponível em <<https://comunidadeculturaearte.com/quem-foi-e-o-que-pensou-henri-bergson>> Acesso em 12 de set. 2022.
- COPATI, Fábio Estevani. **Padrões Estéticos**. Psicanálise clínica, 2019. Disponível em: <www.psicanaliseclinica.com> Acesso em 01 de set. 2022.
- Dicionário Priberam. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/blackout>> Acesso em 25 de out. 2022.
- Fala Universidades**, postado em 10/04/2020. Disponível em : <<https://falauniversidades.com.br/cultura-da-magreza-voce-sabe-como-ela-surgiu>>. Acesso em 21 de nov. 2022.
- FÉRAL, Josette. **Por uma poética da performatividade**: o teatro performativo. In: Revista Sala Preta, São Paulo, nº 8, 2008. p. 197-210. Tradução: Lígia Borges.
- _____, Josette. **Além dos limites**: teoria e prática do teatro. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**: as heterotopias. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Edições n.1, 2013.
- FUNDARTE**. Disponível em <<http://www.fundarte.rs.gov.br/>> Acesso em 05 de ago. 2022.
- Gobo**, postado em 11 de jan. 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/01/11/tenho-vergonha-de-sair-de-casa-diz-mulher-que-ficou-presa-em-roleta-de-onibus-em-guarapari.ghtml>> Acesso em 15 de nov. 2022.
- MARTINS, Anna. **Autoficções**: do conceito teórico à prática na literatura contemporânea brasileira. Porto Alegre, 2014.

Mobile Brasil, postado em 17 de jun. 2019. Disponível em <<https://www.mobilize.org.br/noticias/11643/catraca-nos-onibus-e-barreira-a-cidadania.html>> Acesso em 01 de set. 2022.

Revista Galileu online, postado em 03 de mai. 2017. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05/gordofobia-por-que-esse-pr-econceito-e-mais-grave-do-que-voce-pensa.html>>. Acesso em: 14 de out. 2022.

Significados, postado em 05 de jul. 2015. Disponível em <<https://www.significados.com.br/nerd/#:~:text=Nerd%20significa%20uma%20pessoa%20muito.uma%20maneira%20depreciativa%20e%20jocosa>> Acesso em 20 de ago. 2022.

Toda Matéria, postado em 05 de fev. 2016. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/michel-foucault>> Acesso em 17 de jul. 2022.

STELZER, Andréa. **Autoficção e intermedialidade na cena contemporânea**. Rio de Janeiro: Urdimento, 2016. v.1.

Vocal Eyes, postado em 01 de mai. 2021. Disponível em <<https://vocaleyeyes.co.uk/pt/autodescricao-para-reunioes-inclusivas/>> Acesso em 15 de ago. 2022.

Wikipedia, postado em 01 de jun. 2022. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Gay>> Acesso em 13 de out. 2022.

WOLF, Naomi. **O mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018. v.18.